

O BOLSO BEBÊ E O ALFINETE DE FRALDA: A IDENTIDADE DE RAQUEL DE “A BOLSA AMARELA” EM MUDANÇA

Maria Lourena de Queiroz; Ma. Iandra Fernandes Pereira Caldas

(Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN; lourenaqueiroz4@gmail.com;
iandrafernandes@hotmail.com)

RESUMO: A identidade passou por um processo de descentralização com o emergir da pós-modernidade. A arte, como espaço de manifestações culturais, demonstra essa descentralização de diversas maneiras. Na literatura, temos Lygia Bojunga, que rompe com muitos dos padrões da literatura infantil brasileira e traz à tona a questão da identidade, vista pela ótica da criança, que é, muitas vezes, tida como um ser raso, sem identidade. Logo, objetivamos compreender como Lygia Bojunga constrói a identidade de sua personagem Raquel na obra “A bolsa amarela”. Para tal investigação, utilizamos uma abordagem qualitativa e pesquisa bibliográfica, por meio de uma análise crítica da referida obra da autora. Com a análise da obra de Lygia Bojunga constatamos que, após percorrer um longo caminho dentro de si mesma, Raquel deixa todas as representações identitárias que não lhe servem mais ir embora e assume a identidade que para o momento lhe parece mais conveniente, não sem antes aprender a lidar com os seus conflitos e identidades confluentes. Concluímos que a construção da identidade na obra não é um mero aspecto que se apresenta só nas ações da personagem, mas uma extensão do desejo externado que a escritora tem de contribuir para que as crianças possam ter seus sentimentos mais profundos representados e aceitos.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantil, Identidade, Lygia Bojunga.

INTRODUÇÃO

No Brasil, quando falamos em Literatura Infantil, não podemos deixar de mencionar Lygia Bojunga Nunes, que já ganhou vários prêmios e é apreciada por crianças do Brasil e do mundo inteiro. De todos os temas abordados em suas obras, um em particular, chama bastante atenção: é a questão da identidade. Em algumas de suas obras, os seus personagens, a partir de suas experiências durante o desenrolar da narrativa, passam por momentos de reflexão que os levam a construir e/ou reconstruir suas identidades.

Nas narrativas de Lygia Bojunga, alguns elementos se destacam como influenciadores e determinantes para que essas mudanças aconteçam, como as relações familiares, as representações de gênero na sociedade, a repreensão da liberdade e do imaginário da criança, a relação criança/sociedade, dentre outros aspectos. A identidade é uma temática recorrente não só nas obras de Lygia Bojunga, mas na literatura infantil contemporânea, na qual há muitas vezes uma personagem

infantil que quando confrontada pela realidade, vivencia um problema/empasse que lhe oportuniza reorganizar sua percepção de si mesmo e do mundo.

Tomando por base esses pressupostos, na realização desse trabalho, tivemos como objetivo compreender como se desenvolve e se constitui a identidade da personagem Raquel, de *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga. De modo específico, objetivamos entender a relação entre Literatura Infantil e o desenvolvimento da identidade na perspectiva da pós-modernidade, assim como identificar como se desenvolve e se configura a identidade da personagem supracitada na obra.

METODOLOGIA

Realizamos uma pesquisa com abordagem qualitativa, do tipo bibliográfica e de caráter exploratório. Gil (2002) aponta que a abordagem qualitativa está presente em pesquisas que “[...] têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses [...], na maioria dos casos assume a forma de pesquisa bibliográfica [...]” (GIL, 2002, p. 41). A pesquisa bibliográfica pode ser definida como o tipo de pesquisa se vale de fontes de papel, ou seja, é desenvolvida com base em materiais que já foram elaborados.

Quanto ao procedimento de análise indutivo, podemos destacar que, segundo Marconi e Lakatos (2003), “[...] o argumento indutivo [...], fundamenta-se em premissas [...] [que] conduzem apenas a conclusões prováveis” (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 86). Para a delimitação do *corpus*, tomamos como critério de escolha, a obra da autora que mais se aproxima da temática. Sendo assim, realizamos um estudo da obra *A bolsa amarela*, da escritora Lygia Bojunga, por meio do método indutivo de análise dos dados.

RESULTADO E DISCUSSÃO

No Brasil, o surgimento e evolução da Literatura Infantil está diretamente ligado às mudanças que se sucederam no nosso país. Como destaca Zilberman (2005), devido aos acontecimentos no país, no final do século XIX (fervilhar por mudança de regime político, diversificação e aumento da população, ascensão da classe média urbana, etc.), influenciados principalmente pelo que aconteciam no cenário europeu, no qual o Brasil se espelhava, surgiram novas reivindicações e necessidades da população, à começar por uma literatura para as crianças.

Depois de um longo período de traduções e adaptações, é com o principiar do Modernismo no Brasil que surge um dos escritores de Literatura Infantil Brasileira mais louvado e aclamado: José Bento Monteiro Lobato. Este foi um inovador em todos os sentidos. Começando pela linguagem

original, criativa e tipicamente brasileira que traz à tona o debate de temas contemporâneos e históricos a sua época, além de personagens humanos e não humanos.

Após o sucesso de Lobato e um longo período de estagnação, é na década de 1970 que a Literatura Infantil Brasileira se renova e ressurgue, trazendo consigo novas tendências, novas formas de ler o mundo e, claro, novos autores. Nesse fervilhar de renascimento a escritora gaúcha Lygia Bojunga Nunes entra em cena, adentrando o mundo da escrita para crianças, trazendo personagens inacabados, que estão à procura de si mesmo e de sua identidade. Nas palavras de Zilberman (2005) “[...] a contribuição de Lygia Bojunga à história da Literatura Infantil Brasileira advém de ela ter alcançado apresentar, ao leitor, a criança por dentro [...]” (ZILBERMAN, 2005, p. 70).

A identidade, especificamente sua busca ou crise, se tornou um tema usual na literatura adulta durante a década de 1970, porém, pouco se imaginou que essa questão pudesse fazer parte de algum livro da Literatura Infantil, isso porque se trata de um tema profundo e é nesse sentido que Lygia Bojunga vem a contribuir. Porém, antes de analisarmos como ela traz essas questões em suas obras é necessário, primeiramente, entender um pouco a respeito da relação entre pós modernidade e identidade.

Kaufmann (2004) afirma que conceito de identidade é relativo e a efervescência na utilização demasiada do termo na segunda metade século XX trouxe uma série de problemas, dentre eles “[...] uma inflação abundante das utilizações do termo identidade” (KAUFMANN, 2004, p. 33) sem haver consenso de que se tratava da mesma coisa, o que fez com que o termo se tornasse usual, mas pouco se soubesse a seu respeito. O autor ainda aponta que a formação do Estado é um dos acontecimentos mais ativos no que ele chama de viragem histórica da identidade. Para Kaufmann (2004), o Estado “[...] desempenhou um papel crucial na individualização da sociedade, que desencadeou a procura identitária” (KAUFMANN, 2004, p. 55), de modo que, muito antes das pessoas se preocuparem com sua identidade, o Estado já estava materializando as identidades individuais, mas, claro, de forma burocrática.

Os indivíduos do início da modernidade tinham representações de si mesmo, todavia, essas representações eram fortemente determinadas pelo mundo em que viviam e pelos papéis que representavam, ou seja, a identidade era “[...] um puro reflexo representacional da estrutura” (KAUFMANN, 2004, p. 61). A partir do surgimento de contradições nos papéis que a sociedade determinava é que o reflexo acaba por se tornar reflexão e o espelho-sociedade não mais reflete um papel determinado, mas a imagem de si mesmo, ou a busca dessa imagem, que caracteriza a segunda parte da modernidade e a identidade que a pós modernidade coloca em pauta.

Após o enfraquecimento do sujeito moderno, a pós-modernidade veio para desconstruir os princípios, conceitos e sistemas, desfazer todas as amarras da rigidez que foi imposta ao homem pela Modernidade. Caracterizada por mudanças significativas suscitadas e vividas pelo homem, como a globalização, um novo modo de cultura e as novas condições de vida, a pós-modernidade é vista como a época das incertezas, das fragmentações, da perda de valores, do vazio, do imediatismo, da efemeridade, da estética, do narcisismo, da apatia, do consumo de sensações e do mundo líquido, em constante metamorfose, como situa Bauman (2005).

O mesmo acontece a identidade pós-moderna, que é discutida por muito teóricos que acreditam que esta vem passando por um processo de deslocamento e/ou fragmentação. Um deles é Hall (2015), que define a identidade do sujeito pós-moderno como: “[...] formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2015, p. 11-12). De modo mais sucinto, Hall (2015) atribui a identidade pós-moderna à descentralização dos indivíduos e a globalização.

Além de Kaufmann (2004) e Hall (2015), podemos destacar ainda os apontamentos de Bauman (2005) sobre a identidade. Para este o “pertencimento” e a “identidade” não são consistentes como uma rocha, nem mesmo assegurados para sempre, pelo contrário, são extremamente flexíveis, “[...] as decisões que o indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age [...] são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’.” (BAUMAN, 2005, p. 17).

Bauman (2005) ainda destaca que a identidade é muito mais um monte de problemas do que um tema uniforme, algo que todo homem e mulher moderno, por mais que de forma sutil, já devem ter percebido. Mais do que uma série de problemas, ele considera a identidade como algo que vamos inventando, um objetivo que nunca será concluído. Além disso, Bauman (2005) considera que atualmente há um fascínio enorme sobre a identidade, mas pouco se interessam por ela de fato. Com as mudanças na sociedade, a identidade perde seus pilares sociais e, o que parecia um processo natural, torna-se mais evidente, o indivíduo sente maior necessidade de ter bases sólidas, de ter um espaço para se sentir parte de um grupo.

As relações sociais na pós-modernidade não garantem o sentimento de pertencimento, nem muito menos podem dar substância e bases sólidas as identidades pessoais. Isso distancia as pessoas que, por mais próximas que estejam, se tornam, cada vez mais, distantes espiritualmente. Em síntese, no “[...] nosso mundo de ‘individualização’ em excesso, as identidades são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como dizer quando um se transforma no outro. [...] essas

duas modalidades líquido-modernas de identidade coabitam, [...]” (BAUMAN, 2005, p. 38, *grifos do autor*).

Para abrirmos nossa análise faremos um breve resumo da obra que aqui será analisada. *A bolsa amarela* (2007) é uma história contada por sua protagonista, uma menina, que tem três vontades; de crescer, de ser garoto e a de se tornar escritora, mas entra em conflito com sua identidade e com a família ao comeder suas vontades e escondê-las em uma bolsa. A partir dos acontecimentos diários e de processos de interiorização a menina Raquel passa por várias aventuras subjetivas até seguir em direção à sua afirmação como pessoa. A princípio, em “A bolsa amarela” (2007) percebemos, desde a primeira página, que a personagem, Raquel, tem um impasse consigo mesma:

Eu tenho que achar um lugar pra esconder as minhas vontades. Não digo vontade magra, pequenininha, [...]. Vontade assim todo o mundo pode ver, [...]. Mas as outras - as três que de repente vão crescendo e engordando toda a vida - ah - essas eu não quero mais mostrar. De jeito nenhum. [...] . Já fiz tudo pra me livrar delas. [...] Hmm! é só me distrair um pouco e uma aparece logo. Ontem mesmo eu tava jantando e de repente pensei: puxa vida, falta tanto ano pra eu ser grande. Pronto: a vontade de crescer desatou a engordar, tive que sair correndo pra ninguém ver. (BOJUNGA, 2007, p. 09-10)

Ao querer esconder algo que faz parte de nossa essência enquanto pessoa, mostramos que não estamos seguros de quem nós realmente somos, ou ainda, que não estamos em um ambiente em que possamos ser quem somos. Isso é fato, pois Raquel não se identifica com nenhum papel feminino representado pelas mulheres da família, o que não é de se estranhar, principalmente quando levamos em conta os desejos que ela esconde, que mostram suas aspirações de se libertar de padrões, especialmente pela escrita. A identificação, um processo psíquico que Kaufmann (2004) atribui a Freud, é um fator importante tanto para o desenvolvimento quanto para a mudança contínua de uma identidade, coisa que Raquel só vem conseguir muito tempo depois.

O impasse identitário de Raquel torna-se mais claro quando ela resolve escrever para um amigo imaginário, chamado André, e lhe conta o que está acontecendo: “[...] ando querendo bater papo. Mas ninguém tá a fim. Eles dizem que não têm tempo. Mas ficam vendo televisão. Queria te contar minha vida. Dá ‘pé’? [...]” (BOJUNGA, 2007, 10). A personagem demonstra ter em sua identidade algumas coisas que não gosta ou não sabe lidar, a sua família, enquanto instituição colaboradora na edificação do seu eu, ignora esse fato. Esse distanciamento com a família, assim como os problemas identitários de Raquel consigo mesma, vão se tornando mais evidentes a medida que ela dá continuidade as correspondências com André:

[...] quando eu nasci minhas duas irmãs e meu irmão já tinham mais de dez anos. Fico achando que é por isso que ninguém aqui em casa tem paciência comigo: todo o mundo já é bem grande há muito tempo, menos eu. Não sei quantas vezes eu ouvi minhas irmãs dizendo: "A Raquel nasceu de araque. A Raquel nasceu fora de hora [...]". (BOJUNGA, 2007, 11 a 12)

Bauman (2005) coloca que a crise de identidade nasce de um sentimento de não pertencimento, isso representa exatamente a situação em que Raquel se encontra. Há nela tanto uma rejeição de si mesmo, como também uma rejeição dela por parte da sua família, pois, além de não se comunicarem com ela, existem barreiras de idade que são colocadas como desculpas para ninguém ouvi-la ou apoiá-la. Isso ainda é colocado como justificativa para um não pertencimento dela à família, como se ela fosse um membro fora a parte, algo mal programado ou não esperado. A relação de Raquel e sua família se mostra tão superficial no sentido comunicativo que a menina recorre a vários meios, desde a animais diversos que encontrava onde morava até amigos imaginários, para ter alguém com quem conversar e contar sobre seus anseios. A busca de si mesmo em Raquel se dá, principalmente, por essa falta de um ponto de identificação, algo que Bauman (2005) pontua como pilares sociais, pois para ele todo indivíduo necessita de um espaço para se sentir parte dele.

Raquel, após diversas repressões por parte da família, decide que não vai mais inventar pessoas para se comunicar, porém, ainda irá continuar escrevendo, só que dessa vez será um romance. A história escrita pela menina nada mais é do que a sua própria vida, uma forma de denúncia à tentativa, por parte da família, de inculcar em Raquel uma identidade que não é dela. Vejamos:

Era a história de um galo chamado Rei [...] que um dia fica louco pra largar a vida de galo. Ele morava num galinheiro com quinze galinhas, mas ele era um cara muito igual e então achava que era galinha demais pra um galo só. Pra contar a verdade, ele vivia até um bocado sem jeito de ser chefe de uma família tão esquisita assim. Então ele resolve fugir do galinheiro. Mas aí dá medo de todo o mundo ficar contra ele. E então ele passa o romance inteirinho naquela aflição de fogue, não foge. Quando chega bem no fim da história, ele resolve o seguinte: se a vida dele era furada, ele tinha mesmo que fugir e pronto. E aí ele foge. (BOJUNGA, 2007, p. 21-22)

O romance escrito por Raquel demonstra a forma como ela se sente no seu seio familiar. O galo que ela descreve pode ser entendido como uma representação daquilo que ela gostaria de ser ou a atitude que ela gostaria de tomar frente as inibições que ela sofre, mas que, por não estar segura de si mesmo ou da sua identidade, não consegue concretizar. O nome do animal, Rei, tem, dentre muitos significados o de: [...] uma projeção do eu superior, um ideal a realizar. [...] um valor ético e

psicológico. Sua imagem concentra sobre si os desejos de autonomia, de governo de si mesmo, de conhecimento integral, de consciência [...]. (CHEVALIER, J. *Et al*, 2001, p. 776).

Torna-se clara, então, a criação de Raquel: a invenção de uma identidade que para ela era ideal para superar as repreensões da família. Não poderíamos deixar de destacar a posição da família de Raquel no que diz respeito a história que ela escreve: riram, caçoaram, espalharam e fizeram chacota. Como bem esclarece a personagem, eles não estavam rindo somente da história, mas de Raquel também, do que ela realmente estava se tornando: alguém inteiramente diferentes deles. Ela decide que precisa, com urgência, esconder suas vontades e logo encontra uma solução para essa decisão: uma bolsa amarela, grande e com alça, composta por sete bolsos e sem fecho.

A bolsa pode ser tomada como a representação do inconsciente de Raquel. Nela a personagem esconde diversas coisas, inclusive suas vontades. Analisando a sua composição percebemos que a bolsa tem uma cor muito significativa para a personagem. Chevalier *Et al* (2001) alega que o amarelo representa a pele nova, o início de uma nova temporada, antes do florescer e da renovação. Ao reprimir em seu inconsciente suas vontades e rasgar a identidade que vinha construindo, a do galo, a personagem almeja uma nova estação para si.

Esse objeto tinha um tamanho considerável e esticava, possibilitando Raquel guardar uma infinidade de coisas, assim como em seu inconsciente. As alças que eram grandes, foram feitas um nó, que, como destaca Chevalier *Et al* (2001), representa a fixação em um determinado estado, justamente o que a personagem desejava: permanecer fechada para um momento de busca de si. Temos ainda um detalhe: a bolsa, que não tinha fecho é acrescida desse objeto por um desejo de Raquel. A resposta para isso é clara: ela queria se fechar em seu inconsciente para lidar com a construção da sua identidade sozinha. O fecho que a personagem escolhe é um que combina com ela de enguiçar, ou seja, na hora que alguém tenta abrir, ele irá permanecer no mesmo lugar, funcionando como uma espécie de superego¹ para Raquel.

Os bolsos da bolsa representam, em partes, sua família. Temos dois bolsos grandes em cima que são fechados com zíper e representam os pais, que além de adultos tem a mente fechada para os problemas identitários deles próprios e são colocados como superiores aos filhos, especialmente Raquel. Neles ela guarda suas vontades de crescer e escrever, pois, assim como eles, ela deseja ter uma identidade e para isso a família demonstra ser necessário ser grande e ter um trabalho. Logo abaixo dos grandes temos dos bolsos menores, fechados com botão. Em um ela guarda lembranças da sua

¹⁰ O superego é definido por Freud (1923) como uma espécie de filtro, que se molda de acordo com nossas experiências, do ego, a parte consciente da nossa mente, e do id, o nosso inconsciente.

vida na roça que representam a esperança de mudança. No outro podemos encontrar a representação de seus irmãos. Nele ela guarda a vontade de ser menino, pois ela almeja ter a mesma liberdade que eles.

Temos ainda, em um lado da bolsa, um bolso sanfona, onde ela guarda os nomes que vinha juntando, representando assim, as muitas “Raqueis” que ela quer ser. Abaixo desse bolso temos a essência: o bolso bebê, onde ela guarda um alfinete de fraldas. Estes representam a posição de Raquel na sua família, de lado, inferior, pequena e insignificante, assim como mostra quem ela realmente é: uma criança que está buscando a si mesmo, crescendo e amadurecendo. Temos, de frente para esse outro bolso: o comprido, que, mais tarde a personagem guarda uma Guarda-Chuva e representa a imagem do que a sua família queria que ela fosse, pois este objeto, ao nascer, optou por ser mulher, com um jeito todo feminino, ter o cabo curtinho para ser pequena, mas ter um jeito dentro dela de ficar grande: tudo que a família de Raquel queria que ela fosse, uma menina bonitinha e pequena, mas que, quando fosse conveniente, tivesse atitude de adulto.

Quando Raquel termina de arrumar a bolsa, que vai dormir, temos uma surpresa: o galo Rei, de seu romance, aparece mascarado, revelando que a identidade que ela idealizou não é a que está construindo, esta serve só de disfarce. Logo depois, quando Raquel está voltando da escola recebe do galo um guarda-chuva. O animal é o único que consegue se comunicar com o objeto. Isso mostra que a identidade que ela quer assumir, esculpida pelo galo, está muito mais próximo da que a família quer lhe inculcar, representada pelo objeto. A Guarda-Chuva está quebrada, não funciona direito, isso porque de tanto crescer e ficar pequena acabou enguiçando, ou seja: se Raquel optasse pela identidade que a família queria que ela assumisse também ia “enguiçar” em uma identidade fixa da qual ela não concordava, ou como a autora coloca, a “história” dela ia enguiçar.

Na volta da escola a menina e o galo ainda encontram o galo Terrível, um primo de Afonso. Ele, desde pequeno, foi impelido a ser galo de briga, inclusive até costuraram o pensamento dele para que só pensasse em briga. Esse animal, no inconsciente de Raquel pode ser entendido como o papel que ela estava representando no momento: com o pensamento amarrado pela família, sempre à procura de brigas com o seu eu e com as identidades que lhe atormentavam e que ela guardava na “bolsa-inconsciente”. Depois de conhecer a história de Terrível, a menina acaba cedendo ao pedido de Afonso e prendendo o primo dele dentro da bolsa à força: Raquel não queria ter em seu inconsciente pensamento amarrado, viver brigando e lidando com diferentes identidades que lhe impeliam a assumir.

Após esses eventos, Raquel, com todo o peso das representações identitárias e toda a confusão em seu inconsciente, tem de se preparar para um almoço na casa da tia Brunilda. Na ocasião se atrapalha toda, principalmente ao saber que irá ter que assumir uma identidade que não gosta: a de Guarda-Chuva, ou de a menininha da família. A menina resolve levar a bolsa consigo, mas sente o peso da bolsa, o seu inconsciente, o caminho todo: carregar as várias “Raqueis” e ser uma Guarda-Chuva quando se deseja ser galo é pesado. Depois de muito infantilizada na casa da tia Brunilda, é pedido a Raquel para contar a história de Rei, ou a sua história, nesse momento o Terrível, ou a identidade que ela tinha no momento frente a família, solta na bolsa por tanto segurarem o seu bico para não gritar: Raquel não aguenta mais ter que fingir que é algo que ela não quer ser.

Então, o seu primo Alberto resolve abri-la, e as vontades da menina engordam, as identidades que lhe inculcaram e ela guardou na bolsa-inconsciente começam a se espremer e a bolsa vai crescendo, crescendo até espocar. Só estoura por um motivo: o Alfinete de Fraldas, que até então estava omisso na bolsa, reaparece e salva Raquel: a verdadeira identidade que ela está construindo para si mesmo toma posse do seu inconsciente: “A gente ficou tão espremido que começou a sufocar. - Isso eu sei, mas e daí? - Você lembra quando eu te contei a minha história? - Lembro. - Pois é: todo o mundo vivia achando que eu não servia pra nada, mas eu sempre achei que servia sim. Lembra? [...] Pois é: eu sirvo sim” (BOJUNGA, 2007, p. 81-82).

O alfinete, que caracteriza Raquel em essência, se mostra satisfeito por vir à tona e mostrar que serve, demonstrando que a verdadeira identidade da menina ainda perdura dentro do inconsciente dela. Logo depois do episódio na casa da tia Brunilda, o galo Terrível foge e some, e a vontade de Raquel de escrever começa a ressurgir, mostrando mais uma vez que ela retoma quem ela é. A reescrita da história de Terrível, mostra que Raquel não deixou totalmente de ser galo de briga, nem se tornou totalmente Alfinete de Fraldas, mas que soube conciliar os dois pontos identitários dos quais ela fazia parte. A recontagem da história de Terrível nada mais é do que a adaptação da história de Raquel, mostrando até que ponto ela poderia se deixar influenciar pela família, por outras pessoas e por si mesmo na construção da sua identidade.

Raquel enfatiza o seu apaziguamento com o que ela foi/sentiu, enquanto galo de briga: “Quem viu na praia as duas penas que o Terrível perdeu, pensou até que ele tinha morrido. Bobagem. Ele agora tá curtindo a vida no tal lugar bem longe” (BOJUNGA, 2007, p. 102), assim como a reabertura para a identidade que ela tinha:

Enquanto eu escrevia a "História de um Galo de Briga e de um Carretel de Linha Forte", a vontade de escrever andou tão magrinha que já não pesava quase nada. Que

alívio. Acabei até mudando de ideia: resolvi que se eu queria escrever qualquer coisa eu devia escrever e pronto. [...] Queriam rir de mim? Paciência. Melhor riem de mim do que carregar aquele peso dentro da bolsa amarela. (BOJUNGA, 2007, p. 103)

A menina faz as pazes com o que ela foi, enquanto criança reprimida e carente, tira o melhor que pode aprender disso e assume a identidade que tem e quer continuar construindo. Logo depois de terminar a história de Terrível, a menina se concilia com o que ela gostaria de ser. Mas assim como no caso do galo de briga, ela também não deixa de ter totalmente a identidade do galo Afonso.

A Guarda-Chuva, representando a identidade que a família dela queria lhe inculcar ainda estava quebrada. Então, o Alfinete de Fraldas, quem a menina realmente era, dá uma sugestão: levá-la para uma casa de concertos, que arrumava de tudo. É o verdadeiro eu da menina que guia sua outra identidade para o concerto. Na casa de concertos é que Raquel concerta sua identidade familiar e percebe muitas coisas: que não precisa ser menino nem grande para ser e fazer o que quiser, que pode sim ajudar nos problemas familiares. Assim como as identidades representadas pelos galos Afonso e Terrível, a identidade que o Guarda-Chuva representa também se reconcilia com Raquel e essa reconciliação também deixa marcas na identidade que está construindo: ela não deseja mais ser menino. Essa reconciliação com a família e com a identidade que está lhe impunha se torna mais evidente quando, mesmo ficando de castigo, ela não fica chateada ou inventando pessoas para fingir que são elas:

Ia inventando como é que eu me chamava: Reinaldo Arnaldo, Aldo Geraldo. Eu era um deles. Jogando futebol, trepando em árvore, soltando pipa, sendo escritor (quem sabe era melhor ser músico?), resolvendo sozinho, ninguém me dizendo: - É pra homem. - Por quê? - Porque sim. - Porque sim não explica nada. Me explica! - Depois. - Quando? [...] Mas isso era antes. Naquela noite fiquei pensando na Casa dos Consertos e não liguei a mínima de perder o sono. [...] como a mãe da Lorelai curtia ser mulher; e como a Lorelai curtia ser menina. Ela achava que ser menina era tão legal quanto ser garoto. (BOJUNGA, 2007, p. 117-118)

Só foi possível haver uma reconciliação porque Raquel pode entrar em contato com outras representações dos papéis femininos e se identificar com elas, além de perceber que todo papel exercido por uma mulher é importante, não importa se é na cozinha, no escritório, na biblioteca, na administração da casa ou numa casa de concertos, o que importa é se identificar com aquilo que está realizando. Quando a Guarda-Chuva é consertada Raquel descobre o seu nome: Nakatar Companhia Limitada, assim como todas as coisas que saem dessa fábrica. Mas, como Raquel, quando concertada, a Guarda-Chuva, ou a identidade que a família de Raquel queria que ela assumisse, se redescobre

para além da fábrica-família de onde veio e muda de nome, passa a ser chamada só de Guarda-Chuva mesmo.

Raquel percebe que não precisa mais ser outra pessoa, que pode conciliar suas muitas identidades e ser uma pessoa íntegra, sendo muitas, mas sempre em uma só, tanto que faz pipa de sua vontade de crescer e da de ser menino, mantendo só a vontade de escrever, com a qual ela se identifica de verdade, e se despede, com uma deixa de que sempre iriam se encontrar, de quem ela quer ser (o galo): “Vou sentir saudade de você, Raquel. Mas qualquer hora dessas a gente dá um pulinho aqui.” (BOJUNGA, 2007, p. 133-134). Enquanto isso, o Alfinete de Fraldas fica na bolsa-inconsciente de Raquel e, por mais que todas foram embora, ele ainda pede para ficar, ela deixa e sente que “A bolsa amarela tava vazia à beça. Tão leve.” (BOJUNGA, 2007, 135).

Ela estava se sentindo leve porque muitos dos problemas com relação a sua identidade estavam resolvidos, não significando que ela não mais tivesse nenhum, mas que ela estava amadurecendo sua identidade, como representa o alfinete que ficou e como enfatiza Bauman (2005), ao considerar que a identidade é algo que vamos tecendo ao longo da nossa vida e que nunca está concluído. Raquel sofreu ao se deparar com as imposições do mundo dos adultos e buscou as respostas para os seus questionamentos em seu interior. No final, após percorrer um longo caminho dentro de si mesma, ela deixa aquilo que não lhe serve mais ir embora e assume a identidade que para o momento lhe parece mais conveniente.

CONCLUSÕES

Ao longo da pesquisa pudemos perceber que a literatura infantil brasileira, com Lygia Bojunga Nunes, teve um salto qualitativo enorme e se renovou em muitos aspectos, a começar pelo tema aqui tratado: as personagens de seus livros não têm identidade pronta. Isso torna suas obras distintas das que acompanharam a tradição pedagógica ao longo da história da literatura infantil. Partindo da própria infância, como um tema privilegiado, a escritora tece as suas narrativas, caracterizando-as por uma forte transgressão dos limites entre realidade e fantasia, proporcionando um caminho para a maturação e busca da identidade para as suas personagens e leitores. Por todas as suas obras, encontramos brechas que vão de encontro a busca de si, a contestação dos papéis predeterminados, a vontade de ter uma marca própria, as injustiças cometidas contra as crianças e os animais.

Pudemos perceber que a construção da identidade dos personagens é esboçada, inicialmente, por uma dúvida/empasse, que parte tanto da relação com a família como também na relação com o

outro. Instaurada a dúvida/empasse, passa-se pela a busca/aceitação de si mesmo que culmina com a afirmação do eu, fruto da busca e reflexão interior. Raquel passou por grandes dificuldades até entender que os problemas identitários dela não representavam tudo que ela é, e que, apesar de ser difícil, precisa sempre lutar por quem é ou quer ser, afinal ninguém vai fazer isso por ela, não adianta se fechar em uma bolsa. Ela aprendeu que não precisa concordar com a família nem seguir suas tradições para viver, ela pode ser quem quiser, ou ainda, lutar por algo novo a cada dia.

As muitas 'Raqueis' nos mostram que temas densos, que muitas vezes são negados a criança, podem e devem ser explorados na literatura infantil, mas sempre com o devido cuidado de orientar, como Lygia Bojunga sabe muito bem fazer, e não de inculcar e alienar o pensamento. A literatura infantil é e sempre será um espaço privilegiado para tratar das mudanças que acontecem na nossa sociedade, como as mudanças que aqui foram tratadas (a pós-modernidade e a identidade), pois, como já destacamos, ela é um eco que se faz ouvir em todos os horizontes e que, assim como o vento, ora forte, ora sutil, se faz sentir e traz consigo o espectro de mudança de tempos.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BOJUNGA, L. **A bolsa amarela**. 34 ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2007.
- CHEVALIER, J. Et al. **Dicionário de símbolos**: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores e números). (Org.). SUSSEKIND, C. 16 ed. Tradução de Vera da Costa e Silva. Et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- FREUD, S. (1923). **O Ego e o Id**. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 11-83.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- KAUFMANN, J.-C. **A invenção de si**: uma teoria da identidade. Porto Alegre: Intituto Piaget, 2004.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- ZILBERMAN, R. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.